

PERSPECTIVAS PARA O ESTUDO DA MORFOLOGIA



Carlos Alexandre Gonçalves
Neide Higino da Silva

Da fase áurea no estruturalismo ao total ostracismo nas primeiras fases do gerativismo, a morfologia – estudo da configuração formal da palavra e dos processos responsáveis pela formação de novas unidades lexicais – passou por altos e baixos ao longo da história da **Linguística**. Como parente pobre da fonologia e da sintaxe, foi, nas várias fases da teoria gerativa, incorporando de perto os desenvolvimentos dessas áreas, criando modelos para dar conta tanto dos processos mais regulares, concatenativos (morfologia lexical), quanto dos processos que, por falta de encadeamento, são chamados de não aglutinativos (morfologia autossegmental, morfologia prosódica).



Nos dias de hoje, a morfologia vem gozando de certo prestígio nos estudos linguísticos, formalistas ou não. Na teoria da otimilidade, respondeu por um dos principais avanços na área: a criação da teoria da correspondência (McCarthy & Prince, 1995; Benua, 1995) alavancou a descrição de processos que, como o cruzamento vocabular ('crentino' << 'crente' + 'cretino'), o truncamento ('profissa' << 'profissional') e a reduplicação ('bololô' << 'bolo'), requerem informação fonológica para sua manifestação. No âmbito da linguística cognitiva, é cada vez maior o interesse por questões morfológicas, até mesmo como forma de validar a teoria, dedicada, predominantemente, a questões sintáticas.

Embora tenha voltado a ser concebida, na teoria gerativa, como um componente que não existe por conta própria, sendo tratada nos mesmos moldes da sintaxe (morfologia distribuída), a morfologia vem ganhando projeção no âmbito das abordagens construcionais. Esse movimento culminou na criação da morfologia construcional (BOOIJ, 2010), que dialoga com modelos de construção gramatical, segundo os quais a língua constitui um inventário estruturado de unidades simbólicas (LANGACKER, 1987) que variam em extensão (desde as mais atômicas às mais complexas) e especificidade (desde os esquemas mais genéricos às instanciações de padrões específicos).

No Brasil, o NEMP (Núcleo de Estudos Morfológicos do Português), grupo de pesquisas interinstitucional que se dedica aos estudos em morfologia e suas interfaces, vem se tornando pioneiro na tarefa de divulgar os horizontes da pesquisa em morfologia, pois, com várias frentes de trabalho, aborda os processos flexionais e de formação de palavras à luz de desenvolvimentos recentes da teoria linguística, desde que esses se caracterizem, grosso modo, como lexicalistas.

Este livro se insere entre os trabalhos desenvolvidos, no âmbito da morfologia, pelos integrantes do NEMP. As questões abordadas nesta obra variam da descrição de processos morfológicos já bastante estudados na área (como as construções *X-eiro*, aqui analisadas numa perspectiva teórica diferente – a morfologia construcional) a fenômenos que, até onde se conhece, nunca foram abordados, como o TTK gualín (“língua do Catete”). Em sua maioria, as análises resultam de pesquisas concluídas de dissertações e teses, aqui sintetizadas.

Para dar ao leitor uma pequena amostra do alcance dos estudos morfológicos recentes, dividimos a obra em quatro partes:

- a. Morfologia histórica
- b. Fronteiras externas da morfologia
- c. Fronteiras internas da morfologia
- d. Morfologia e ensino

Os autores assumem diferentes perspectivas nas análises morfológicas apresentadas nos sete capítulos que compõem a obra. Dessa forma, lança-se mão de informações históricas para interpretar o comportamento de elementos linguísticos na atual sincronia (capítulos 1, 2 e 3); da proposta de organização categorial por protótipos para nortear as discussões em torno dos limites entre flexão e derivação, de um lado, e composição e derivação, de outro (capítulos 5 e 6); a interface morfologia-semântica projeta um diferente ponto de vista para os dados examinados, à luz de propostas recentes no âmbito da linguística cognitiva (capítulo 3), enquanto a interface morfologia-fonologia (capítulo 4) lança mão da teoria da otimalidade para dar conta de um tipo de *argot*, o TTK: linguagem usada por um grupo de pessoas que partilham características comuns, como procedência ou mesmo identificação ideológica. A partir das conclusões apontadas por essas investigações, são propostas sugestões para o ensino de morfologia (capítulo 7).

As temáticas aqui exibidas são difusas, pois pretendemos mostrar as possíveis linhas de pesquisa no campo da morfologia, considerando-se sempre o melhor ângulo para análise do objeto observado. Na primeira parte, **Morfologia histórica**, Regina Simões Alves, por meio do estudo das construções de aumentativo, e Marco Antônio Marinho, das construções *X-nte*, apresentam informações históricas que contribuem na compreensão do comportamento dessas formações na atual sincronia.

O capítulo 1, de Regina Simões Alves, aborda aspectos históricos dos afixos que figuram em construção de aumentativo em português: *-ão*, *-aço*, *-ada*, *-eiro*, *-udo*, *-aria*, *-oso* e *-ento*. Dois são os principais objetivos do texto: (a) observar a inflexão aumentativa adquirida pelos afixos ao longo dos anos, e (b) comprovar que não são formas sinônimas e que o uso justifica essa variedade. Conclui a análise mostrando em que aspectos os formativos se assemelham e que características os tornam distintos, tão distintos a ponto de poderem se adjungir a uma mesma base, apresentando diferenças semânticas ou pragmáticas. Defende a existência de esquemas de

formação de palavra a serviço também da atitude emotiva e avaliativa do falante, mas que preservam, majoritariamente, a noção de grandeza e que todos esses afixos têm hoje um uso extremamente enriquecedor por possuírem enorme expressividade.

Tendo por base a polissemia do sufixo *-nte* e a partir do modelo de Joseph (1998), denominado Morfologia Diacrônica, Marco Antônio Marinho, no capítulo 2, aborda as construções *X-nte* do latim ao português. Observa que, das quatro acepções de vocábulos com a estrutura *X-nte*, apenas os chamados agentes frequentativos (‘repetente’) estavam presentes já na época latina, sendo, portanto, o significado primeiro do afixo. Os agentes profissional (‘escrevente’) e instrumental (‘trinchante’) apresentam quadros bastante irregulares: ao mesmo tempo em que não constituem argumento a favor da presença das acepções no latim falado, apresentam registros tardios, ao contrário dos frequentativos, que possuem registro no português desde os anos 1300. Por fim, os agentes químicos (‘lubrificante’), altamente produtivos no português contemporâneo, se assemelham com os instrumentais *X-dor* (MARINHO, 2009). Ambos apresentam regularidade no quadro comparativo das línguas românicas, mas se referem a coisas (instrumentos e substâncias), incompatíveis com o nível de desenvolvimento do mundo antigo. Por isso, são, na verdade, acepções relativamente recentes quando comparadas com os outros significados possíveis dos respectivos sufixos. No caso dos agentes químicos *X-nte*, o grupo detém o mesmo comportamento que os agentes profissionais e instrumentais, sendo datados também a partir do século XVII, tanto no português quanto nas demais línguas românicas.

Na segunda parte do livro, **Fronteiras externas da morfologia**, duas interfaces são contempladas: entre a morfologia e a semântica e entre a morfologia e a fonologia. João Carlos Tavares da Silva, fundamentado na morfologia construcional (BOOIJ, 2010), propõe uma formalização para construções *X-eiro*, instanciadas por substantivos, tendo em vista quatro acepções. Já Carlos Alexandre Gonçalves e Felipe da Silva Vital discorrem sobre o fenômeno “TTK” ou *lingua*

do Catete. Os autores descrevem dados do TTK a partir de operações morfofonológicas.

No capítulo 3, João Carlos Tavares da Silva propõe, para analisar as construções X-eiro não agentivas, que um dos componentes semânticos dessas formas são o que se conhece, na literatura cognitivista, como esquemas imagéticos (EIs), definidos como representações conceituais relativamente abstratas e totalmente esquemáticas que surgem a partir da nossa interação cotidiana e da nossa observação do mundo que nos cerca, ou seja, são derivados, das nossas experiências sensório-motoras e perceptuais. O autor conclui que o polo semântico das construções hierarquicamente superiores deve ser o mais abrangente possível para abarcar as acepções subordinadas. Somente puxando o significado “para cima”, pode-se alcançar generalizações coerentes e consistentes o suficiente. Assim, a proposta de integrar a noção de esquemas de imagem se mostra plausível e eficaz, uma vez que a polissemia dos denominais *X-eiro(a)* não agentivos decorre do fato de os subesquemas se relacionarem entre si tanto por derivarem do mesmo esquema-mãe, como por serem extensões via *força de contato* ou por herança por metáfora.

O capítulo 4, da autoria de Carlos Alexandre Gonçalves e Felipe da Silva Vital, propõe uma análise do fenômeno popularmente conhecido como “TTK” (também chamado *gualin*, “língua”, e *xarpi*, “pichar”). O fenômeno consiste no mapeamento direita-esquerda e resulta na criação de uma palavra de uso privado (clandestino, sigiloso), que mantém a sequência segmental ou silábica da palavra-matriz, respectivamente em casos de monossílabos ([‘lɔ.gi] << ‘gol’; [‘ra.bi] << ‘bar’) e multissílabos (‘mesa’ >> [za.’me]; ‘pichar’ >> [ʃax.’pi]; ‘música’ >> [ka.zi.’mu]; ‘vagabunda’ >> [da.bũ.ga.’va]). Com base em uma hierarquia de restrições, mostram as principais características desse *argot*, atentando para as restrições em conflito e interação para que se superficializem formas que, apesar de criptografadas, possam remeter às palavras de origem.

Na terceira parte do livro, **Fronteiras internas da morfologia**, privilegiam-se duas situações de interface: (a) flexão-derivação e (b) derivação-composição. Vitor de Moura Vivas discute a distinção entre flexão e derivação, considerando a função das marcas de modo-tempo-aspecto (MTA) e número-pessoa (NP), demonstrando que essas desinências podem apresentar características derivacionais. Neide Higino da Silva, por sua vez, trata de questões pertinentes à fronteira composição-derivação, mais especificamente dos limites entre composição e composição neoclássica, examinando, para tanto, as características de *agro-*, como em ‘agronegócio’ e ‘agroboy’.

No Capítulo 5, Vitor Vivas defende a existência de padrões (derivacionais) realizados por marcas morfológicas da flexão verbal. Por exemplo, destaca que o uso de determinadas marcas de MTA não é obrigatório. É possível, por exemplo, utilizar a estratégia sintática ‘vou jogar’, uma vez que a marca *-re* não é de aplicação categórica. Isso leva a que determinadas estratégias de manifestação se tornem improdutivas (‘cantara’ é improdutivo, já que o falante do português utiliza ‘tinha cantado’). Além disso, mostra que a flexão verbal alimenta a criação de palavras através de marcas de particípio, infinitivo, gerúndio ou por meio de formas verbais desenvolvidas no PRESENTE DO INDICATIVO e em P3. A constatação de que ocorrem lacunas na aplicabilidade de marcas de NP é mais um motivo para defender que uma visão flexional discreta não é a mais eficiente para descrever as marcas verbais do português.

Neide Higino da Silva analisa, no capítulo 6, o estatuto dos formativos *agro-* e *agri-* na atual sincronia, uma vez que construções como ‘agricultura’, ‘agribusiness’, ‘agronomia’, ‘agropecuária’ e ‘agrofit’, embora possuam em comum os elementos composicionais *agri-* e *agro-*, apresentam características morfológicas, sintáticas e semânticas distintas; algumas podem ser classificadas, segundo a tradição, de compostos neoclássicos, de recomposição ou não serem analisadas, uma vez que suas propriedades não se adequam às esperadas. Discute, na esteira de Gonçalves (2011a, 2011b, 2012) e Gonçalves & Andrade (2012), os conceitos de composição neoclás-

sica e recomposição a partir do *continuum* composição-derivação, que admite uma interpretação para os casos emblemáticos, tais como ‘agricultar’ e ‘agronomia’, e casos periféricos, como ‘agri-business’ e ‘agrofit’. Conclui o capítulo destacando que os critérios de Gonçalves (2011a) e de Gonçalves & Andrade (2012), utilizados para reconhecer composição e derivação prototípicas, reforçam as características desviantes dos hoje denominados pela literatura de compostos neoclássicos.

Na quarta e última parte do livro, **Morfologia e ensino**, Vítor de Moura Vivas, Felipe da Silva Vital, Wallace Bezerra de Carvalho, Rômulo Andrade de Oliveira e Carlos Alexandre Gonçalves expõem as abordagens dos livros didáticos e das gramáticas tradicionais para o ensino de morfologia, destacando a dissociação entre os aspectos tratados nessas obras e as situações reais de uso da língua. Os autores, ao final do capítulo 7, sugerem mudanças para o ensino de morfologia, considerando a função discursiva que os distintos processos morfológicos podem assumir na interação comunicativa.

Os trabalhos aqui apresentados visam a contribuir com a descrição do português do Brasil, por meio do estudo do comportamento de diferentes elementos morfológicos que ainda não foram contemplados de forma sistemática nos manuais de morfologia ou pela gramática normativa. Deseja-se também mostrar ângulos possíveis na investigação morfológica e mais do que isso, mostrar que a morfologia vem se tornando um campo de investigação bastante frutífero, mas ainda pouco explorado no Brasil, dado o (ainda) pequeno número de grupos de pesquisa nessa área.